
Reflexões sobre o processo de produção da Série Comunicação para Cidadania do Grupo Rádio Educação Cidadania da Universidade Federal de Rondônia¹

Joshua Rodrigues Lacerda²
Alinne Neylane Machado Pestana³
João Victor de Andrade Nascimento⁴
Evelyn Iris Leite Morales Conde⁵

Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, RO

Resumo:

O presente trabalho apresenta reflexões sobre série audiovisual intitulada Comunicação para a Cidadania, desenvolvida por estudantes bolsistas de extensão do Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania (REC), vinculado à Universidade Federal de Rondônia (Unir). A série é composta por nove vídeos, com diferentes abordagens, com conteúdo comunicacional com ênfase na cidadania, associados aos temas resíduos sólidos, agroecologia e povos indígenas, diretamente relacionados aos eixos norteadores de ação dos projetos da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unir (ITCP/Unir), em que o grupo REC faz parte. Trata-se de um relato descritivo, com objetivo de registrar as vivências da produção educacional realizada e socializar as apreensões teóricas e práticas da série, veiculada nas redes sociais do REC e ITCP/Unir. Os resultados demonstram as relações e expressões colaborativas entre os realizadores da série e a repercussão dos assuntos abordados, contribuindo para a divulgação de temas relevantes à comunidade.

Palavras-Chave: Comunicação; Comunicação Popular; Arte; Cidadania.

¹Trabalho apresentado no IJ06 Interfaces Comunicacionais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

²Estudante de graduação, do curso Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia, email: joshuaacademico@gmail.com

³Estudante de graduação, do curso Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Rondônia, email: alinneneylane@gmail.com

⁴ Estudante de graduação, matriculado na disciplina Interface Educação e Comunicação do curso de Jornalismo e vinculado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Rondônia, email: victorandnascimento@gmail.com

⁵ Orientadora. Docente do curso de Jornalismo, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/Unir) e coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania da Universidade Federal de Rondônia, email: evelyn.morales@unir.br

Introdução

Produzir e refletir sobre o que se produz é importante para criar possibilidades outras em ações futuras. Refletir sobre a ação é um passo importante para que o trabalho que foi realizado possa fazer sentido também depois de elaborado e, assim, contribuir para aprimoramentos ou contemplação.

Esse trabalho descreve o processo de produção de uma série audiovisual de nove episódios, desenvolvida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Extensão e Cultura (PIBEC) da Universidade Federal de Rondônia (Unir), vinculados ao Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania (REC).

O conteúdo tem como ênfase a comunicação para a cidadania, com abordagem dos temas resíduos sólidos, agroecologia e povos indígenas, diretamente relacionados aos Núcleo de atuação da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Unir (ITCP/Unir), ao qual o REC faz parte como grupo de coordenação dos processos de comunicação popular.

A ITCP/Unir é um Programa de Extensão transdisciplinar, criado em 2020, sediado no município de Porto Velho, capital de Rondônia, na Amazônia Ocidental, na fronteira com a Bolívia e os estados brasileiros do Acre, Amazonas e Mato Grosso. Tem como objetivo incubar e formar grupos, coletivos populares, empreendimentos solidários e ações sociais. Seus estudos e formações abrangem três Núcleos: povos originários (indígenas), resíduos sólidos, e agroecologia; e discutem temáticas como direitos humanos, educação popular, arte, comunicação popular, contabilidade, direito à cidade, entre outros. A Incubadora mantém contato permanente com coletivo e empreendimentos populares para realização dos processos de incubação e formação, busca-se, sobretudo, desenvolver ações com base na economia solidária, processos de autogestão, na construção de alternativas de geração de trabalho e renda, e na produção de autonomia e singularidades dos sujeitos. A economia solidária, economia popular, trabalho associado e tecnologia social são temas que permeiam as ações da Incubadora.

Quanto ao Núcleos, há diferentes ações extensionistas que integram cada um, sendo destacados nesse trabalho os projetos “Incubação da/com a Catanorte”, com trabalho diretamente relacionado a catadores de materiais recicláveis de uma cooperativa popular de Porto Velho e seu processo de educação ambiental para coleta seletiva

solidária no município; projeto “O povo Warao e a economia solidária”, com formação e incubação de empreendimentos de artesanatos de comunidades indígenas oriundas da Venezuela e Lábrea, sul do estado do Amazonas, que se instalaram na capital de Rondônia; e “Cestas agroecológicas do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB/RO)”, com processo de incubação e formação de 11 famílias de comunidades de assentamentos no município de Candeias do Jamari, distante 50 quilômetros de Porto Velho, que produzem alimentos em transição agroecológica e comercializam seus produtos, semanalmente, a uma rede de consumidores organizada e coordenada pela ITCP/Unir e MAB/RO.

Os bolsistas vinculados ao grupo REC têm em seus planos de trabalho o planejamento para produção de peças comunicacionais que possam divulgar as ações extensionistas da ITCP/Unir. Nesse cenário é que surgem os episódios descritos nesse artigo, produzidos em diferentes gêneros para cada um dos três Núcleos da Incubadora.

A produção da série considera elementos característicos da educomunicação, por ter participantes leigos em comunicação e abranger diferentes campos de conhecimento dos participantes autores e autoras desse trabalho; ora em contato com o universo da atividade informativa, do jornalismo, e leigos ao campo das artes; ora em sintonia com as técnicas do lúdico e didática das licenciaturas, mas distante do quefazer jornalístico. Isto é, as relações entre os bolsistas facilitam o (re)conhecimentos de áreas distintas, mas com correlação expressivas de suas respectivas palavras e linguagens: da arte, da expressão, da didática e do jornalismo.

Nessa direção, a série elaborada compreende uma especial textura dialógica da comunicação, conforme expressa Martín-Barbero (2014, p. 30, grifos do autor):

[...] Falar não é somente se servir de uma língua, mas pôr um mundo em comum, fazê-lo lugar de encontro. A linguagem é a instância em que emergem mundo e homem [e mulher] ao mesmo tempo. E aprender a falar é aprender a dizer o mundo, a dizê-lo com os outros, a partir da experiência de *habitante da terra*, uma experiência acumulada através dos séculos. Como afirma Ricoeur (1969:80), a análise da língua desemboca sobre esse outro registro hermenêutico que faz surgir *o mundo como horizonte da palavra*. E é nesse tecido de coisas e palavras que a comunicação revela sua espessura: não existe comunicação *direta*, imediata, toda comunicação exige [...] elementarmente desprender-se das coisas, todo comunicar exige alteridade e impõe uma distância. A comunicação é ruptura e ponte: mediação [...].

Desse modo, esses diferentes campos do conhecimento se juntam para fortalecer um ecossistema comunicativo (Soares, 2011) que, em colaboração mútua, praticam a comunicação no sentido mais amplo, para além de restrições técnicas ou formais e das relações frias e duras de uma produção comunicacional sem sentido coletivo.

A educação fala de relacionamento, liderança, diálogo social e protagonismo juvenil. Posiciona-se, de forma crítica, ante o individualismo, a manipulação e a competição. A cidadania vencendo a ditadura do mercado: é o que ela busca, transformando as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo (Soares, 2011, p. 95).

Apreende-se a relação dialógica proposta no processo de produção dessa série no sentido em que Freire (2006, p. 66) expressa quando fala do humano, da relação entre os homens e mulheres, entre os seres viventes, em que “todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos”. Logo, os sujeitos se apresentam a partir de um processo genuíno de comunicação entre si, pois não estão sozinhos no mundo, ou pensam de forma isolada, são co-partícipes de uma relação mútua, com trocas de experiências uns com os outros, para além de um único ser pensante.

O contexto da reflexão da ação reside no processo de formação dos participantes, seja enquanto estudante de licenciatura ou de bacharelado, na oposição da racionalidade técnica, valorizando a racionalidade emancipatória, que, conforme Giroux (1986), tem como objetivo a crítica daquilo que é restrito e opressor, enquanto ao mesmo tempo apoia a ação orientada para a liberdade. É, portanto, tanto prática de reflexão sobre o que se produziu, como também uma autorreflexão que proporciona o processo educativo rumo à autonomia dos sujeitos e suas relações entre si, pois, conforme expressa o autor, as relações sociais devem ser compreendidas enquanto fim e não como meio.

E a cidadania está no conteúdo que expressa os direitos dos sujeitos diretamente relacionados aos temas abordados, considerando o que Peruzzo (2009, p. 34) analisa como uma cidadania histórica, que “avança em sua qualidade, uma vez que os direitos se aperfeiçoam ou são ampliados”, tendo, assim, a compreensão de que cidadania é parte desse movimento de aperfeiçoamento e ampliação, numa dinâmica não linear em constante modificação, que consideram o processo e não a produção comunicacional em si.

[...] os processos comunicacionais são mais valorizados do que os produtos produzidos, visto que se dão na práxis de intervenção social por mudança da realidade de grupos em condição de vulnerabilidade, de comunidades e de movimentos sociais, sempre voltados à conscientização, à educação para a cidadania e no contexto de lutas pelo reconhecimento de direitos (Peruzzo, 2022, p. 36-37).

No que se refere aos direitos, cumpre destacar que na série, os direitos que são destacados condizem com os Núcleos da ITCP/Unir: o direito de trabalho digno e decente aos catadores e catadoras de materiais recicláveis de Porto Velho e a importância da coleta seletiva solidária pelos cidadãos e cidadãs; o direito ao processo de produção em transição agroecológica e a soberania e segurança alimentar; e o direito de deslocamentos e subsistência da comunidade indígena Paumari para Porto Velho com a venda de seu artesanato na cidade, conforme as expressões nos vídeos produzidos na série Comunicação para a Cidadania.

Os direitos são compreendidos em uma lógica de movimento, em que a cidadania tenta se fazer presente na união de coletivos e sujeitos que desejam e lutam por demandas coletivas para dignidade humana. Uma cidadania dinâmica, não linear, uma cidadania como gramática revolucionária que, conforme Alves (2021, p. 44-45),

[...] Não se cidadaneia, ou cidadania para, o, a, de. A intransitividade lhe cabe bem: eu cidadaneio, nós cidadaneamos, isto é, fincamos os pés no espaço dignificado pela vida. [...] Ao se pensar em um suposto verbo derivado de cidadania, ocorre a não transitividade habitual, embora aberta para um ato inclusivo. É possível cidadanear com. Compreende-se, nesse ponto, que sua regência admite a entrada de significações. [...] em razão dos resíduos de significação que já possuímos na memória pessoal e coletiva, inclusive a que nos educou, o ato de se constituir cidadã e cidadão não se move exceto quando inclui.

Portanto, esse texto caminha na direção de um exercício descritivo sobre esse “cidadanear com”, com ação e reflexão sobre a materialização das peças comunicacionais sobre os temas acima mencionados, especialmente em seu processo e no sentido que fez e faz para seus elaboradores e elaboradas. Apresentam-se a seguir, a metodologia do trabalho, o processo de produção e as considerações possíveis sobre o processo de produção da série audiovisual Comunicação para a Cidadania, divulgadas nas redes sociais do grupo REC e ITCP/Unir.

Metodologia

O presente trabalho, de caráter descritivo, tem como metodologia a revisão de literatura sobre os conceitos relacionados à comunicação para a cidadania, com suporte em Peruzzo (2009, 2014); no entendimento sobre a abordagem educomunicativa, em Soares (2011); na compreensão de uma dialogicidade entre os seres humanos, a partir de Martín-Barbero (2014) e Freire (2006); e na técnica de ação e reflexão que contempla a racionalidade emancipatória, com base em Giroux (1986), conforme apresentados na introdução.

Na seção seguinte, centrando-se no campo de estudos da mídia, apresenta-se a descrição referente ao processo de produção dos nove vídeos, elaborados entre os meses de abril e junho de 2024, vinculados ao Grupo de Pesquisa e Extensão Rádio Educação Cidadania (REC), que coordena os processos de comunicação popular da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade Federal de Rondônia (ITCP/Unir).

A série audiovisual Comunicação para a cidadania foi desenvolvida considerando a abordagem educomunicativa, com participação colaborativa de estudantes dos cursos de Jornalismo, Artes Visuais e Teatro da Unir, e abrange temas diretamente relacionados aos Núcleos resíduos sólidos, agroecologia e povos originários, vinculados aos projetos de extensão da ITCP/Unir. A captura foi realizada com câmera semi-profissional Cannon T6i e celulares; e a edição de conteúdo no aplicativo de edição CapCut, com produção de capas no Canva. Todos os aplicativos e softwares na versão gratuita. Cada vídeo tem duração média de dois minutos, sendo veiculados semanalmente nas redes sociais @rec.unir e @itcpunir, no Instagram.

Relações e expressões nas produções audiovisuais Comunicação para a cidadania

A série foi concebida como uma estratégia de comunicação dos temas centrais da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/Unir), visando ser curta e para sensibilizar o público-alvo, seguidores das redes sociais do REC e ITCP/Unir. Em uma reunião estratégica sobre possíveis temas, foi decidido, coletivamente, dialogar por meio de três tipos de formatos comunicacionais, em nove vídeos: três esquetes teatrais com diálogos educativos sobre resíduos sólidos, três vídeos informativos de cunho mais

jornalístico sobre agroecologia, e três vídeos poéticos sobre a comunidade indígena Paumari.

O primeiro trio de produções atendeu à demanda do Núcleo Resíduos Sólidos da ITCP/Unir, por meio esquetes teatrais, abordou a situação dos catadores e catadoras de resíduos sólidos da Vila Princesa, bairro localizado em Porto Velho, capital de Rondônia, que se formou nos arredores do lixão da cidade, há cerca de 30 anos. Foi enfatizada a situação do fechamento do lixão, em 2023, que resultou em uma significativa perda de renda para as pessoas que dependiam diretamente da atividade da coleta e separação dos resíduos e tratamento dessa produção na única cooperativa de reciclagem no local.

Para elaboração dos três vídeos, buscou-se compreender as demandas da comunidade, com aproximação direta com os sujeitos e reflexão sobre o que era comunidade por eles; além de consultas a fontes externas de informação.

Com isso, foram elaborados três distintos roteiros com base na situação atual desse público. O primeiro vídeo, intitulado “Por que não, Prefeitura?”, publicado no dia 4 de abril de 2024, abordou os ecopontos instalados pelo Poder Público em Porto Velho, e mostram no diálogo a ausência de ações de educação ambiental na cidade para o descarte adequado dos resíduos nestes locais de coleta. O vídeo pode ser acessado no link: <https://www.instagram.com/reel/C5WsRt-rbhg/?igsh=YjlnN3FzanBmNm5p>

O segundo vídeo, “400 TONELADAS???”, publicado no dia 11 de abril de 2024, faz uma provocação sobre a quantidade e o destino dos resíduos dos ecopontos, situação contraditória, pois, segundo notícias publicadas em diversos sites jornalísticos, o número de envio de resíduos enviados à cooperativa da Vila Princesa pela Prefeitura não condizia com a realidade. Nesse episódio, houve uma expressiva repercussão, com a repetição do questionamento “E aí, Prefeitura??”, em que gerou retorno de respostas de servidores comissionados nos comentários da postagem, saindo em defesa do executivo municipal. Em: : <https://www.instagram.com/reel/C5pA0iiL18B/?igsh=NmlrdGZhYWcwZHJr>.

O terceiro vídeo, “Educação ambiental para a população”, publicado no dia 18 de abril de 2024, destacou o tema educação ambiental, demonstrando possibilidades de descarte de alguns materiais que são e não são recicláveis, disponível em: <https://www.instagram.com/reel/C56pKTHP098/?igsh=ZXpubXlhMHI5amdz>.

A abordagem dos roteiros priorizou o diálogo direto com o público, destacando a importância da educação ambiental e da situação dos catadores e catadoras da Vila

Princesa, com provocações indagativas ao poder público municipal ao final de cada vídeo, que tiveram mais de 6 mil visualizações na rede social Instagram.

Os três seguintes episódios da série foram elaborados a fim de atender ao Núcleo Agroecologia da ITCP/Unir, que é representado pelo projeto de extensão Agroecologia e Economia Solidária: cestas agroecológicas do Movimento dos Atingidos por Barragens/RO. Esse projeto atende assentamentos de coletivos de agricultores familiares agroecológicos e em transição agroecológica, uma parceria entre o Movimento dos Atingidos por Barragens de Rondônia (MAB/RO) e a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP/Unir).

Nesses episódios, optou-se por utilizar um formato jornalístico, saindo das esquetes teatrais, e estabelecendo um diálogo direto com o espectador em um formato mais informativo. Os nomes dos episódios são "Bora falar de agroecologia", publicado em: [https://www.instagram.com/reel/C6xO4qELcRY/?igsh=ZnB2MXBjbTZ6YXVi](https://www.instagram.com/reel/C6xO4qELcRY/?igsh=ZnB2MXBjbTZ6YXVi;); "Adubação agroecológica", disponível no link: https://www.instagram.com/reel/C7DC_ZiLJhq/?igsh=MThubzRrcDJhYm9odA==; e "Café da manhã camponês", com acesso em: <https://www.instagram.com/reel/C7VK1tUuCG7/?igsh=N3g3Mjhmdmt2NDFr>; exibidos, respectivamente, nos dias 3, 16 e 23 de maio de 2024.

Nos dois primeiros episódios, foram utilizados depoimentos dos participantes dos projetos como fonte primária. Foi criada uma narrativa de informações que se completaram com base na locução de apresentação e nas informações oferecidas nos trechos das entrevistas utilizadas nos vídeos.

O último episódio foi produzido em um dos assentamentos atendido pelo projeto, Rancho Alegre, em Candeias do Jamari/RO, onde ocorreu o tradicional Café Camponês. Foi um momento de partilha de experiências e informações entre quem produz as cestas, a rede de consumidores, e a equipe organizadora do projeto, num diálogo rico sobre o andamento da ação de aquisição das cestas agroecológicas. Utilizando como direcionamento da pauta, focou-se no objetivo do evento e na partilha de falas dos consumidores e dos produtores, como elemento informativo sobre o que ocorreu no local.

O último trio de produções exigiu a saída da zona de conforto dos bolsistas, pois a produção não gerou conteúdo jornalístico e nem um diálogo teatral direto com o público, mas uma subjetividade mais expressiva, com elementos de poesia narrativa e visual. Foi

uma mistura de sentimentos e compreensões entre os integrantes do grupo REC, para chegar a um denominador comunicacional sobre o processo de saída de indígenas do povo Paumari, de Lábrea, interior do estado do Amazonas, para Porto Velho, capital de Rondônia. O motivo dessa migração foi a busca de oportunidade emprego e formação universitária mais acessível. E, para subsistência desses indígenas, optou-se pela venda de artesanatos. Essa comercialização é amparada pelo projeto de extensão que envolve a incubação e formação dessa comunidade indígenas pela ITCP/Unir para a comercialização de seu artesanato. Assim, a forma de expressão utilizada fugiu do padrão meramente informativo, tomando uma forma mais abstrata, mas sem deixar de registrar quem são e seus sonhos e desejos.

O formato escolhido foi um minidocumentário poético (ou videoarte), onde criou-se uma topografia territorial artística, descrevendo a origem dos Paumaris, sua relação com o território ancestral e o território que ocupam, além do seu artesanato.

Para a produção foram selecionados textos para leitura em OFF e inserção de trechos de pesquisadores que estudam sobre o modo de vida da comunidade Paumari. Estudou-se também intelectuais indígenas que expressam os direitos dos povos originários.

O material final foi elaborado com desenhos e colagens digitais. O texto foi elaborado em forma de poesia, como um grito na imensidão, destacando a vivência desse grupo étnico. Esses vídeos encerraram a série, com os títulos: "Paumaris: a origem", disponível no link: [https://www.instagram.com/reel/C8Ns0_ZMB9W/?igsh=OHI5bDV5bTN2cWRh](https://www.instagram.com/reel/C8Ns0_ZMB9W/?igsh=OHI5bDV5bTN2cWRh;); "Paumaris e a cidade", em: <https://www.instagram.com/reel/C8f0OoGsR1p/?igsh=OW5iaHFzeHQyZW8z>; e "Paumaris e o artesanato", com acesso em: <https://www.instagram.com/reel/C8vOt3-MpPL/?igsh=am5ibmx0ZTF5em0w>; publicados nos dias 14, 21 e 28 de junho de 2024, respectivamente.

Todos os episódios foram compartilhados em dois perfis das redes sociais do grupo REC e da ITCP/Unir no Instagram, nos seguintes usuários: @rec.unir e @itcpunir.

Considerações finais

Depois de todas as produções, reflete-se que cada vídeo é um palco de discussão e reverbera narrativas de quem produz e de quem consome. Estamos cercados de pessoas e somos coletivos por natureza. Isolar-se no mundo contemporâneo e globalizado não costuma ser uma opção de fácil acesso. Em muitos casos, precisamos nos deslocar diariamente de casa para o trabalho, escola, faculdade, entre outros lugares. Temos necessidades básicas, como água e alimento. E nesse movimento, quer queiramos ou não, cruzamos com pessoas.

Frequentemente, nos perguntamos um pouco sobre quem são essas pessoas, quais são os alimentos que consumimos e de onde eles vêm e para onde vão. Ao produzir essa série, desejamos que quem a consome tenha um encontro com o outro e consigo mesmo, atravessando a tela para um diálogo. Ao evidenciar o direito à alimentação de qualidade, o reconhecimento de pessoas indígenas no território urbano e o descarte correto de resíduos sólidos, estamos também, incansavelmente, buscando o outro.

Ousamos a dizer que cada episódio dialoga com o direito à vida. Se somos o que consumimos e se é a partir das relações que nós formamos, é necessário repensar as políticas e os modos nos quais nos expomos. Isso é um processo, isso é parte da cidadania, do cidadanear (Alves, 2021, p. 31), que exalta a “comunicação cidadã e humana, que se movimenta e se sedimenta na cultura do bem-comum, no ‘cidadanear com luta’”.

Refletimos assim: Tecido, uma palavra encruzilhada. Para ciências é o conjunto de células que se organizam e trabalham de maneira conjunta para desempenhar uma função. Tecido é também um amontoado de fios. Enquanto seres que se dispõem a viver em sociedade, nos responsabilizamos pelo que nela acontece. Se alguém eleito majoritariamente pelo voto popular aprovou uma lei que desfavorece determinado grupo, todos perdemos, pois emaranhados em um tecido social, somos assim cada indivíduo um fio.

Como cidadãos participantes, devemos estar atentos ao que nos permeia, vigilantes e dispostos a repensar os vícios de uma sociedade que mantém sua conduta voltada ao interesse do capital e pouco propensa a pensar no bem viver de todos.

Ao passear pela história do povo Paumari, banharmo-nos no rio da memória deles, acessando também a nossa. Graça Graúna, indígena Potiguara, diz: “Ao escrever, dou conta da ancestralidade, do caminho de volta, do meu lugar no mundo.” Compartilhando esse pensamento e refletindo sobre as mazelas que a comunidade indígena enfrenta em

diferentes contextos, buscamos possibilitar, através dos vídeos, a reflexão social sobre os direitos, ou a falta deles, desse grupo. Além disso, buscamos o resgate da nossa memória, que nos visita sorratamente sempre que pode, para nos lembrar da nossa origem, das relações e dos espaços que nos cercam, desejando assim nos impulsionar.

Ao abordar a temática da agroecologia, foi possível nos reunir e repensar práticas que costumamos realizar sem muita reflexão, como o hábito de acessar alimentos. Utilizando uma linguagem acessível, buscamos engajar o ouvinte a repensar seu modo de consumo de alimentos e compreender como se dá o processo de plantio até a casa de quem consome.

Para além de pensar no processo que o alimento percorre até chegar à nossa mesa, é necessário cuidar do manejo no descarte. Para onde vai a embalagem que acabei de descartar? Perguntas como essa são impulsionadoras, visto que muito do lixo que produzimos é descartado de forma inadequada e sem muita preocupação sobre como essa atitude pode afetar o meio em que vivemos, que sucumbe à exploração e ao mau uso. Cuidar da casa comum é um processo que se inicia nela, reverbera em nós e finaliza nela. É possível sim repensar e viver em sintonia com a terra. Os nove episódios se dedicam a dialogar sobre isso.

Portanto, nossa ação reflete muito o que estamos a buscar como seres que se relacionam e se expressam e, assim, a fortalecer nosso ecossistema de vida coletiva, em contante transformação, a cidadanear...

REFERÊNCIAS

ALVES, Luiz Roberto. Cidadanear: uma gramática revolucionária. In: SILVA, Denise Teresinha et al. (Orgs.). **Comunicação para cidadania: 30 anos em luta e construção coletiva**. 1 ed. São Paulo: Intercom e Gênio Editorial, 2021. pp. 43-76.

DORRICO, J. **Eu sou Macuxi e outras histórias**. Nova Lima: Ed. Caos & Letras, 2019.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GIROUX, Henri. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias de reprodução**. Petrópolis: Vozes, 1986

GOMES, L. F. **Cinema nacional: caminhos percorridos**. São Paulo: Ed.USP, 2007.

GRUPO REC. Rádio, educação e cidadania [REC]. Perfil @rec.unir, **Instagram**. Disponível em: <https://www.instagram.com/rec.unir/>

MATÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. Tradução: Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Dafne Melo. São Paulo: Contexto, 2014.

PERUZZO, C. M. K. Movimentos sociais, cidadania e o direito à Comunicação. In: Revista Fronteira: estudos midiáticos. **Revista Fronteiras - Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 33-43, jan./abr. 2009.

PERUZZO, C. M. K. **Pedagogia da comunicação popular e comunitária nos movimentos sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2022.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.